

SCLIAR, Moacyr; FINZI, Patrícia; TOKER, Eliahu. (Seleção, organização e edição). *Do éden ao divã: humor judaico*. São Paulo: Editora Shalom, 1990. 214p.

### **Humor: uma especialidade judaica do Éden ao divã**

Filipe Amaral Rocha de Meneses\*

Dedicado “aos profetas e alfaiates, rabinos e psicanalistas, mães judias e escritores, a todos aqueles, judeus ou não, que sorrindo filosoficamente diante da vida, fazem humor judaico mesmo sem o saber, *Do Éden ao divã: humor judaico*, é uma compilação de chistes, anedotas e pequenas narrativas de teor humorístico, com seleção, organização e edição de Moacyr Scliar, Patrícia Finzi e Eliahu Toker. Scliar e os dois escritores argentinos são estudiosos do tema e, em muitas de suas obras, é possível mapear essa instigante forma de se inscrever na cultura e na tradição judaica, com o humor. Toker é autor do poema *Saga judía* e de vários livros sob a mesma temática judaica. Finzi tornou-se mais conhecida pelos compêndios culinários *Cozinha judaica* e *Sabores y mistérios de cocina sefaradi*. Imersos na rica cultura judaica latino-americana, eles selecionaram por meio de uma grande bibliografia vários exemplos do humor judaico sefaradi e askenazita, tanto da Europa Oriental, Estados Unidos, União Soviética, quanto israelense. Questionar faz parte da condição judaica, afirma uma longa tradição de filósofos, escritores e poetas judeus, assim, uma piada como a da epígrafe só provoca o riso ao se ter em mente o espírito questionador e inquietante inerente aos judeus.

Luís Fernando Veríssimo, na contracapa do livro, afirma que “há prazeres que são especialidades judaicas”, o humor, a capacidade de rir das próprias mazelas e dar a volta por cima é um desses prazeres tipicamente judaicos. Ao se buscar as origens etimológicas da palavra “humor”, percebe-se a sua complexidade. Em uma acepção antiga do latim significa líquidos que compõem ou são produzidos internamente pelo corpo. A acepção aqui empregada tem origem na palavra inglesa *humour* e designa a “capacidade de valorizar o cômico, o pitoresco, absurdo ou insólito de certos aspectos da realidade; graça, espírito, chiste”. A essa definição acrescenta-se o adjetivo “judaico”, criando, desse modo, o tema do livro. Neste, valoriza-se o cômico e o pitoresco de forma abertamente judaica “em suas preocupações, tipos, definições, linguagem, valores e símbolos”, um humor que não se pode ao certo estabelecer a origem, mas que compõe a cultura judaica. Os temas giram em torno de: alimentação, vida familiar e religiosa, negócios, anti-semitismo, riqueza e pobreza, sobrevivência, as relações sociais entre os judeus e com não-judeus.

O texto é dividido em sete partes, intituladas pela origem, além de um glossário que busca clarear expressões de hebraicas, ídiches ou sefaradis. A compilação traz, ao leitor contemporâneo, provérbios e anedotas com personagens tipicamente judaicos como as super-protetoras *idishes mames*, as mães judias; os *shnorrers* e *shlimazels*, os mendigos e azarados, ou o *shtetl*, as cidadezinhas judaicas da Europa. O exagero é um tema recorrente, como a referência aos muito miseráveis, aos extremamente ricos como o lendário Barão de Rotschild. Sob a ética judaica, a ajuda aos necessitados é direito dos pobres e obrigação dos ricos, desse modo, as relações entre os grupos humanos geram as mais variadas histórias cômicas, nas quais os papéis de heróis e vilões vão se alternando entre mendigos e abastados. Os rabinos e as outras ocupações religiosas como o *mohel* (aquele que faz a circuncisão), o *shoichet* (abatedor de animais segundo as normas religiosas) e o *chazan* (cantor de cerimônias religiosas) são outros personagens recorrentes. Os primeiros vivem, além dos conhecimentos necessários à vocação, de uma imagem ilibada, mas são frequentemente achincalhados pelas piadas contadas durante a festa de *bar-mitzvá* ou casamento. Eles aparecem como detentores de muito conhecimento que vêm para ajudar os judeus muito humildes e ingênuos, como o rabino de Chelem, de um conto de Bashevis Singer presente no livro. Uma outra anedota faz referência a uma conhecida história de um *mohel* que teria pendurado em frente a sua porta, uma tabuleta com um relógio. Alguém passa e pergunta: “Se está oferecendo os serviços de um *mohel*, por que diabos colocou aí um

relógio?”. Então ele responde: “Bem, e o que o senhor queria que eu colocasse o que dependurado ali?”. No capítulo “O humorista no telhado – Europa Oriental”, há uma série de anedotadas peculiares do humor ídiche.

Em “*Shabes Nachamu*”, de Isaac Babel, por exemplo, um *shnorrer* (mendigo) astucioso ludibria os mais abastados. Esse “tipo”, uma espécie de malandro judeu, por meio de pistas dadas por uma mulher rica, mas ingênua, Hershele, se passa por um ser celestial que traria mensagens dos mortos, assim consegue uma grande refeição, um par de botas, dinheiro e um saco cheio de ‘presentes para os mortos’. O espertalhão vai embora satisfeito, mas em seguida é perseguido pelo marido da mulher enganada. Vendo-se encurralado, coloca-se nu e consegue, também, enganar o marido, levando dele a montaria. Outros dois contos dentre os mais cômicos deste anedotário são de autoria de dois escritores brasileiros, Moacyr Scliar e Alberto Dines. Num conto autobiográfico, e sob uma temática de discriminação racial, Dines lembra do seu tempo de infância, de um vizinho, o ‘seu’ Shmil.

Logo na introdução, o narrador expõe uma máxima com certa ironia: “Porque quando dois *goim* (não judeus) brigam, quem sempre apanha é o judeu”, e para justificar o seu ponto de vista, ele exemplifica com Cristo, “este belo judeu chamado Ioschua”, crucificado pelos romanos, mas na Páscoa, os cristãos malham um Judas de pano e xingam todos os judeus da vizinhança. O narrador descreve duas surras que o ‘seu’ Shmil teria levado. Na segunda, diga-se de passagem, ao ser confundido com um imigrante italiano, um dos agressores teria replicado: “Dá na mesma, garoto, é tudo gringo...”. Ao fim do conto, o narrador encontra com ‘seu’ Shmil anos depois. Como era sábado, pergunta ao velho se não iria à sinagoga. O ancião se retira e volta com um jornal que anuncia em sua manchete o início da guerra na Coréia, assim, ele lhe diz: “Hoje, eu não saio de casa...”. Mesmo sendo judeu, seu Shmil aprende a lição sobre o racismo. Evidencia-se, portanto, nessa narrativa, que o cômico é arrancado, muitas vezes, do sofrimento. Essas e outras situações adversas, que beiram o insólito, são revisitadas através de piadas ou contos plenos de humor e ironia. Espera-se, dessa maneira, exorcizar traumas, romper cadeias, iluminar trevas. Tal procedimento poderia ser visto apenas como uma “terapia comunitária e cômica”, mas, além disso, é um exercício de resistência e, também, de tolerância. Esse anedotário revela ao leitor como situações extremas podem produzir o riso e reafirmar, ainda que precariamente, a esperança de tempos melhores.

-----

\* **Filipe Amaral Rocha de Menezes** é Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG e pesquisador do NEJ.